

## **A criação para si, numa cena contemporânea, de um corpo paranóico e torturado**

Walder Gervásio Virgulino de Souza  
Professor Adjunto e Chefe do Deptº de Teoria do Teatro, diretor e ator  
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

**Palavras-chave:** corpo paranóico, tortura, Caso Schreber, novas tecnologias

Poderíamos dizer que Dr. Moritz Schreber, grande médico e ortopedista alemão do século 19, admirado até os dias de hoje, foi o criador de uma espécie de “drama estático” coletivo, antes mesmo de Maeterlinck ou Pessoa terem concebido uma cena em que os atores fossem obrigados a permanecer imóveis. Dr. Moritz, pai de Daniel P. Schreber (1842-1911), com o objetivo de escrever livros sobre pedagogia infantil e testar verdadeiros instrumentos de tortura que inventara e mandara construir com o objetivo de garantir uma postura perfeita para os corpos (pensava em formas rígidas que tendiam a imobilizá-los e mantê-los em silêncio obediente), usava seus dois filhos homens como cobaias. Fiel ao espírito da época, tentava evitar que se masturbassem. Resultado: eram tantas as torturas, que o mais velho se matou e o segundo se tornou um dos mais famosos paranóicos da História, o conhecido “Caso Schreber”.

Selecionamos algumas máquinas inventadas por Moritz. Ao instruir sobre a postura de crianças dos dois aos oito anos, recomendava, por exemplo, o aparelho que chamava de *Geradehalter*, que garantiria uma postura sentada rigorosamente ereta. Era todo feito de ferro e se vendia em dois formatos, um para uso doméstico e outro, simplificado, para escolas, especialmente nos dois primeiros anos da escola primária. A criança era literalmente acorrentada para aprender a postura correta. Havia também o *Kopfhalter* (fixador de cabeça), que amarrava a cabeça da pessoa com cintos. Permitia garantir o crescimento simétrico da mandíbula, do maxilar e estruturas do crânio a eles relacionadas. E havia ainda várias outras prescrições: como dormir na posição adequada, como andar, como falar.

Muitos anos depois, em outubro de 1893, o rei da Saxônia nomeou Schreber Juiz-Presidente de uma Divisão do Tribunal de Apelação de Dresden. Vítima, no entanto, de insônias e do que vai chamar de “Assassinato de alma”, atacado, enfim, por numerosas alucinações, o “presidente” será imediatamente afastado de sua alta função jurídica, posto sob curatela (perdendo assim quase todos seus direitos de cidadão), devindo, como ele mesmo disse,

“prisioneiro” do asilo de Sonnenstein (1894-1902). Só após impetrar um processo judicial, permitiram-lhe, finalmente, que saísse do asilo e publicasse seu livro, escrito ao longo dos oito anos de internação, suas *Memórias de um doente dos nervos*. Nelas, expõe seus delírios em pormenores e mostra como, segundo Deleuze e Guattari, propôs criar para si um corpo paranóico, que, submetido à tortura de incessantes fantasias de perseguição, busca linhas de fuga possíveis.

Freud, ao ler essas memórias, dedica a Schreber o estudo “Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia” (1911), que tem sido objeto de muitas controvérsias e reexames, na medida em que, ao escrevê-lo, desconhecia fatos essenciais relativos à vida do presidente, principalmente referentes aos traumas crônicos provocados pelo controle agressivo e pelos maus-tratos exercidos pelo pai.

Nossa comunicação, que sugere a busca, através de uma abordagem multidisciplinar, de formas possíveis de criação, em cena, de um corpo paranóico, expõe conclusões de questões levantadas por Freud e outros pensadores sobre o caso Schreber. Pensa-se numa cena que fuja a qualquer tratamento superficial do tema e evite imagens redutoras, a que facilmente podem levar os diversos devires sofridos por seu corpo e alma (chegou inclusive a exigir um estudo teológico de seu caso).

Realizada a seleção dos textos teóricos de que nos serviremos, os primeiros roteiros e partituras propostos buscarão formas de discutir aspectos fundamentais das questões e das conclusões a que chegaram psicanalistas e filósofos de diferentes épocas como Freud, Lacan, Nederland e Guattari (nas obras criadas com Deleuze), mas, principalmente, os estudos de Walter Benjamin, Elias Canetti e Marcelo Viñar que vêem os delírios e alucinações de Schreber como consequência de evidentes obsessões do nacional-socialismo e da violência inerente, em geral, à prática política e jurídica da Alemanha do fim do século 19 e início do século 20. Já para Eric Santner e Ney Marinho, o delírio (como paradigma da loucura) deve ser visto, antes de tudo como *uma bizarra forma de vida*. Ou seja, encaram a paranóia como uma forma de reação da vítima voltada para o futuro e para a sobrevivência. Santner, por sua vez, encara algumas das alucinações de Schreber como linhas de fuga, como tentativas de estabelecer diferentes formas de devir, tais como seu “devir mulher” ou seu “devir judeu”. O presidente se imaginava às vezes o Judeu Errante. Formas, portanto, de tentar fugir à opressão da vida real. Em outras palavras, apresentaremos sínteses de situações que poderão, no caso

Schreber, contribuir para a exposição cênica de um corpo submetido à tortura, capaz de buscar linhas de fuga possíveis: é somente aí que esse corpo “se revela pelo que ele é, conexão de desejos, conjunção de fluxos, *continuum* de intensidades. Você terá construído sua pequena máquina privada, pronta, segundo as circunstâncias, para ramificar-se em outras máquinas coletivas.”

Essa questão específica de ramificar “sua pequena máquina privada”[...] “em outras máquinas coletivas” pode ser conectada à interpretação sugerida por Walter Benjamin, que parte da noção de que toda lei se instaura a partir da violência. Por sua vez, Michel de Certeau ligará essa noção benjaminiana à ideia lacaniana de “significante mestre” como “point de caption” ou “ponto de basta”, que ele explicará em seu seminário sobre as psicoses. Após citar Joad em *Atália* de Racine, Lacan concluirá que o temor a Deus é o único medo de Joad. Segundo Lacan, o temor a Deus não é um significante que se encontre disperso por toda parte. Alguém teve de inventá-lo, enfim, e propô-lo aos homens como o remédio para um mundo feito de múltiplos terrores.

O terror, por exemplo, que constitui o núcleo paranóico da ideologia nacional-socialista. Foi Elias Canetti que, em seu ensaio *Massa e Poder* (1960) sobre a psicologia das massas assinalou as ligações entre o caso Schreber e o fascismo. Os dois últimos capítulos desse seu ensaio, dedicados à paranóia de Schreber, mostram que as *Memórias de um doente dos nervos* podem ser vistas como precursoras de uma outra biografia (escrita igualmente numa prisão) que fez muito mais sucesso que a do presidente: *Mein Kampf* (1924) de Hitler.

Para fechar esse círculo hermético sugerido pelas *Memórias*, pensamos em utilizar também óperas de Wagner, que constituirão o pano de fundo de nossa encenação sobre Schreber. O ano de 1911 também será significativo para Cosima, a viúva de Wagner, pois é o ano em que publicará a *Minha vida*, memórias escritas pelo marido.

Continuo desenvolvendo, a exemplo do que fiz em encenações anteriores, a noção de quebra de fronteiras, vinculada a uma expansão de linguagens interligadas, multidisciplinares, próprias de um teatro pós-dramático: fragmentadas e não lineares, envolvendo, entre outras, a Psicanálise, o Direito, a História, as artes plásticas e novas tecnologias. Em *A vida é sonho*, de Calderón, em 2009, montada em Perpignan, da qual o espetáculo sobre Schreber pretende ser uma continuação, a presença de “corpos estranhos” advindos de imagens abstratas de vídeos

digitais – no caso, as *Criaturas* da artista plástica contemporânea Claudia Lewinsohn, projetadas sobre os corpos dos atores, criava uma verdadeira simbiose cênica através da fusão de movimentos reais e virtuais. No caso de Schreber, para concretizar seu total isolamento, o ator será envolvido por imagens desse tipo e, ainda, por outras, filmadas por ele mesmo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANETTI, Elias. *Massa e poder*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

DELEUZE, G. e GUATTARI, F. *O anti-Édipo*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

\_\_\_\_\_. “Como criar para si um corpo sem órgãos”. In: *Mil Platôs*. vol. 3. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.

FREUD, Sigmund. “Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de um caso de paranóia”. In: *Obras Completas*, vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

MARINHO, Ney. *Razão e Psicanálise: “O Caso Schreber (Freud, 1911)”*, revisitado a partir das contribuições de Marcia Cavell e Ludwig Wittgenstein. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: PUC, Departamento de Filosofia, março de 2006.

NIEDERLAND, William . *O caso Schreber*. Rio de Janeiro: Campus, 1981.

SANTNER, Eric. *A Alemanha de Schreber*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

SCHREBER, Daniel Paul. *Memórias de um doente dos nervos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.